

## BETÂNIA: SEMENTE DE ESPERANÇA



**Francisco José Carneiro Linhares**  
(período no Seminário: 1962-1963)

*“Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.” (Eclesiastes 9:10).*

Depois da uma despreziosa contribuição para o belíssimo “*Seminário da Betânia – 90 anos – Ad Vitam – 65 declarações de amor* (Edições UVA, 2015)”, coletânea de textos elaborados por ex-seminaristas que, felizes, comemoravam o nonagésimo aniversário daquela importante escola católica, eis-me instigado a prestar uma nova colaboração, agora focado na relação da passagem daqueles jovens estudantes pela instituição, do legado que lhes foi destinado, representando, assim, indubitável subsídio para o exercício de suas futuras profissões.

Antes falamos a respeito da influência do Seminário em nossas vidas e, como não poderia deixar de ser, isso também deu origem a relatos envolvendo nossas realizações, nossos tra-

balhos, nossas profissões, pois entendo que há, entre ambas, uma irrefutável indissociabilidade, ou seja, entre a formação para a vida e a educação para o trabalho.

Doravante, procurarei não ser muito repetitivo, quanto ao que escrevi para o *Ad Vitam*, tanto em relação à minha vida familiar, como à estudantil e à profissional. Refletirei, de forma um pouco diferente, sobre minhas origens, formação e profissões, como consegui chegar até aqui, na virada do assustador ano 2020 para o 2021, este apenas em seu início, é verdade, porém, com a nobre missão de nos plenificar de esperanças. Destaco que o primeiro, representa aquele infindável período em que, de repente, o mundo todo em quarentena, atônito, apavorado, se curva às agruras da pandemia da Covid-19. O segundo, enobrecido pela expectativa de que nos traga a tão esperada vacina, contribuição inestimável da ciência para devolver a nossa suposta liberdade de ir e vir.

Nasci em Sobral, no dia 19 de março de 1950, à época, já a cidade de maior destaque na região noroeste do Estado, em todos os aspectos, o que ocorre até os dias de hoje. Meus pais, Aldenora e Raimundinho, era assim que a ele todos se referiam, em minha criação foram coadjuvados pela tia Rita Edvirges, em primeiríssimo lugar, e por um batalhão de avós e tios, que sempre demonstraram por mim um salutar benquerer, todos desempenhando papéis de significativa relevância nesse encargo familiar coletivo.

Certamente, não poderia creditar tudo o que sou e tudo que consegui construir a algo de natureza singular. Óbvio que não! Sou fruto, em primeiro lugar, da convivência diária e dos ensinamentos recebidos de duas famílias tradicionais, uma pelo lado paterno e outra pelo lado materno, que durante toda a minha infância residiam muito próximas, facilitando imensamente essa troca de valores morais, éticos e afetivos,

porém, possuidoras de características modestas e de limitados avanços, em termos de educação formal.

Para isso, em várias fases da vida, recebi contribuições de diversas pessoas e instituições, entre as quais relaciono a professora Júlia Liberato, na alfabetização; a Escola São Luís Gonzaga, mais conhecida como pré-seminário, onde fiz meus estudos primários; o Seminário Diocesano de Sobral, o nosso inesquecível Seminário da Betânia, onde cursei parte do ginásial; o Colégio Sobralense, onde obtive a conclusão do referido ginásial; o Colégio Estadual Dom José, onde cursei o científico; a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, na qual obtive o título de bacharel em Ciências Contábeis; enfim, da Universidade Internacional de Lisboa (UIL), onde, já na minha fase madura, por meio de convênio com a nossa UVA, fiz o meu mestrado em Gestão e Modernização Pública, além de outras qualificações, antes já referenciadas no *Ad Vitam*.

Ao relacionar cada uma dessas instituições, o faço com a intenção de destacar ali a notória presença de ilustres membros do clero católico sobralense, colocados, à época, como nossos mentores espirituais e intelectuais, juntamente com inúmeros outros valorosos membros de suas competentes equipes, que não só nos forneceram as bases das várias disciplinas que compunham os currículos escolares de antanho, mas demonstravam também uma constante preocupação com aspectos inerentes às nossas relações interpessoais e que serviriam como indispensáveis contribuições ao bom exercício das nossas futuras profissões.

Quanto ao meu ingresso no Seminário, instituição que motiva a escrita deste texto, não posso deixar de me referir a Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), primeiro bispo de Sobral, considerado pelos conhecedores da nossa história como a personalidade de maior notoriedade desta região, até os dias de

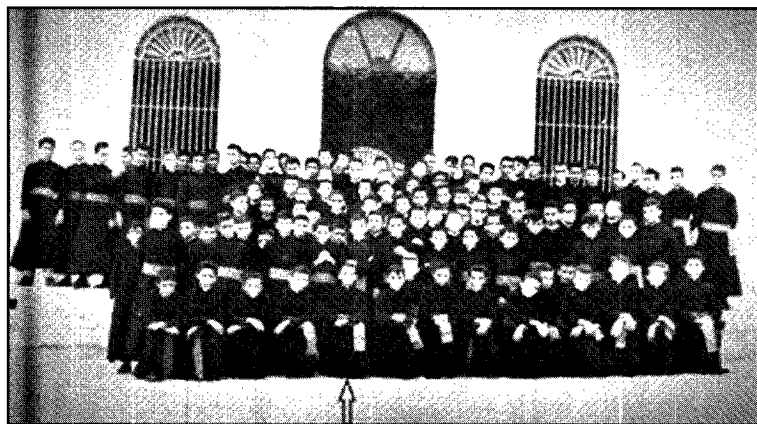
hoje. A ele me refiro para destacar que, quando criança, e isso jamais esqueci, tive a feliz oportunidade de privar de sua atenção, ao me receber, por várias vezes, em sua residência, o Palácio Episcopal. As portas me foram abertas em razão da antiga amizade que tinha com um dos meus tios, o conhecido comerciante Clotário Aguiar Araújo, por ele trazido de Coreau para formá-lo padre, o que não ocorreu. Com certeza, pela admiração que adquiri pela sua pessoa, além do apoio recebido por parte de alguns familiares mais próximos, afirmo que ele foi o meu grande influenciador no sentido de almejar um dia a formação sacerdotal. Ao falecer, em 1959, eu tinha nove anos de idade, já cursando o pré-seminário e só vindo a ingressar no Seminário em 1962.

Portanto, um seminário, nos moldes do aqui à época existente, era uma instituição educacional católica voltada à formação de candidatos ao cargo de ministros do evangelho, futuros padres, imbuídos do papel de verdadeiros pastores, encarregados de levar os exemplos cristãos aos seus respectivos rebanhos. Nós, estudantes, éramos seminaristas e recebíamos uma preparação cultural, teológica, filosófica e espiritual específica, que culminaria com a pretensa realização de um ofício pastoral inspirado nos ensinamentos de Jesus Cristo. Este seria o nosso futuro trabalho. O fato é que pelo Seminário da Betânia tive uma meteórica passagem de apenas um ano e meio, tempo suficiente para que eu descobrisse que realmente não tinha a necessária vocação para o exercício do sacerdócio, tendo ocorrido comigo um “deixar a batina” de forma consensual, sem traumas, sem culpas, naquele momento envolvendo tratativas entre as pessoas que para mim eram as mais importantes nesse processo: meus pais e representantes da instituição.

Estávamos na década de 1960, aquela da contracultura, movimento em que os jovens do mundo ocidental se mobilizavam para fazer valer novos valores e costumes, quase sempre

colidentes com os da sociedade então estabelecida, valendo-se de mobilizações e contestações sociais, com o uso intensivo dos meios de comunicação de massa, objetivando um rompimento com o *establishment*. Posso dizer que fui um pouco fruto desse rico período, porém, sempre de forma moderada, praticando apenas aquilo que entendia não conflitava com os valores éticos, morais e religiosos, até então incorporados à minha personalidade, advindos da forte influência familiar e da educação recebida na minha primeira escolinha particular, no pré-seminário e no seminário, que representariam, para sempre, as raízes do que sou como pessoa e como profissional.

O jovem, em certo momento da sua vida, uns mais prematuramente e outros nem tanto, acorda para a realidade e sente a necessidade de contribuir, de alguma forma, para o seu sustento e desafogar, pelo menos em parte, o ônus que ele representa para os pais e familiares, principalmente quando é de origem humilde.



No meu caso, nunca tive aspirações por poder, por fazer fortuna, por tornar-me muito visível aos olhos dos outros. No

entanto, sempre pensei no futuro, na possibilidade de constituir família e, com o meu trabalho, poder contribuir para vivermos numa sociedade melhor, tanto para os da minha geração como para as que no futuro chegariam.

Assim, ainda menino fui *office boy* da minha mãe, que era costureira e pequena empresária; depois, trabalhei no comércio, como balconista; a seguir, em escritório de contabilidade, como auxiliar contábil. Depois, tornei-me bancário, ao ingressar no Banco do Brasil e lá permanecer por um longo e profícuo tempo. Tive uma rápida passagem pela prefeitura da minha cidade, coordenando a arrecadação tributária do município. Exerci e exerço, ainda hoje, com muita honra, a nobre profissão de professor universitário, concursado que sou daquela que é um dos maiores símbolos da inclusão educacional e profissional na região noroeste do estado do Ceará, a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, cuja sede sempre funcionou e ainda funciona no antigo casarão da Betânia, de tantas e belas lembranças. Além de professor, ali exerci vários cargos, inclusive alguns voltados para a sua gestão.

A cada dia que passa mais me convenço: jamais teria galgado essa trajetória, marcadamente sem pompas, é verdade, mas que considero vitoriosa em todos os seus aspectos, sem o indispensável apoio familiar e das várias fases do meu processo educacional, bem resolvidos pelas contribuições que tive das instituições por onde passei e daqueles que materializavam esses contributos: seus dirigentes, auxiliares e, acima de tudo e de todos, os professores.

Enfim, qual foi particularmente a contribuição do Seminário São José para minha vida profissional? Sem nenhuma dúvida, importantíssima! Ali, já no início da adolescência, além das disciplinas tradicionalmente constantes do currículo esco-

lar, tive os primeiros estudos de línguas estrangeiras, em especial o latim, da qual deriva a nossa “última flor do Lácio”, utilizada nas missas e em muitos outros rituais da igreja católica; o francês, naquela época língua das mais estudadas e sua aprendizagem necessária, por ocupar destacada posição cultural, antes da atual predominância do ensino da língua inglesa; tive aulas de civilidade, com o aprendizado de regras necessárias ao adequado convívio social; também, estudei música, nascendo ali o meu fascínio pela maravilhosa arte da combinação dos sons, que tem na minha vida o papel de uma verdadeira panaceia, seja em momentos alegres, tristes, ou mesmo de mera introspecção. Hoje se fala muito da importância do convívio social, da interação entre grupos, do trabalho em equipe. Digo isso para ressaltar o evidente papel das atividades culturais e desportivas, ali praticadas, que me levaram a refletir e, paulatinamente, incorporar tais conceitos às minhas posteriores atividades laborais.

Em suma, afirmo que no Seminário pude assimilar e incorporar, para sempre, inúmeros valores éticos, morais e religiosos, gênese na formação da minha personalidade, ativos intangíveis inseparáveis na minha vida pessoal e nas minhas distintas atuações profissionais.

Já setentão, primo por manter minha “*mens sana in corpore sano*”, citação latina que significa “*mente sã num corpo sã*”. Igualmente me inspiro numa frase atribuída ao notável poeta, dramaturgo e ator inglês William Shakespeare (1564-1616): “*Se todo o ano fosse de férias alegres, divertir-nos tornar-se-ia mais aborrecido do que trabalhar.*” Assim, continuo exercendo o meu atual ofício de professor, esperando ainda poder contribuir para formação das novas gerações de alunos e futuros profissionais oriundos da UVA, a minha segunda

casa, especialmente, os do curso de Ciências Contábeis, onde sou lotado.

O ano de 2020 foi diferente, assustador, trágico, uma verdadeira prova de fogo para todos nós. Como admirador da obra musical e poética do ex-seminarista Belchior (1946-2017), conterrâneo, contemporâneo, amigo de infância, detentor do título de doutor *honoris causa* outorgado pela UVA, acordei para uma das suas maravilhosas composições, a qual nunca havia me chamado atenção, porém, multidões atualmente a conhecem, cantam e, confesso, com ela agora também me encanto. Trata-se da canção “Sujeito de Sorte”, cujos estribilhos levam o ouvinte à quase exaustão, numa mistura antagônica de amargor e esperança, que encontra eco em diferentes camadas da população, em especial dos jovens que a redescobriram e a invocam como um hino para externar as suas insatisfações com a conflituosa e insuportável situação pandêmica, socioeconômica e política do País, aos quais me associo:

*“Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte /  
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte / E tenho  
comigo pensado Deus é brasileiro e anda do meu lado / E assim já  
não posso sofrer no ano passado / Tenho sangrado demais, tenho  
chorado pra cachorro / Ano passado eu morri mas esse ano eu não  
morro.”*

Pois é, machucado pelas circunstâncias, mas exercendo com determinação as virtudes apreendidas, ainda no tempo de Seminário, digo que estou paciente com o tempo e esperançoso quanto ao destino.